

MARTE-VIÇA

Director: VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 55 — Preço 3\$50 — 28/7/77

Trinta Crianças à Espera de Vez

Há já alguns meses, e a propósito do Infantário-Jardim Escola a funcionar nas instalações da Casa dos Pescadores, dizia-se neste jornal que se pensava aumentar a sua capacidade para admitir crianças, o que seria possível através de algumas obras a fazer nas instalações. Interessados como estamos em acompanhar de perto a solução de todos os problemas que interessam à população da região, novamente nos dirigimos ao Infantário, onde conversamos com a sr.ª D. Maria Isabel, que amavelmente se dispôs a fazer o ponto da situação actual, começando por nos informar sobre a importante questão, ainda em aberto, das obras:

— As obras consistiriam na colocação de uma vedação, no arranjo dos caixilhos, na substituição de uma varanda envidraçada por uma parede e na abertura de uma porta e construção de um corredor para permitir o acesso a instalações para a concretização da tão desejada ampliação deste Infantário. Foi aberto concurso e, dos três orçamentos que apareceram, o mais acessível ronda os 600 contos dos quais, 255 caberiam ao arranjo da vedação, destinando-se o restante às diversas obras atrás citadas. Como este Infantário é da responsabilidade do Instituto de Obras Sociais, é a ele e à Secretaria de Estado da Assistência Social que competirá decidir quanto a este assunto.

— Em que consiste o problema da vedação e, concretamente, o que é que a sua colocação viria resolver?

— Sobretudo, a vedação viria resolver dois problemas igualmente importantes. O primeiro é o da protecção das crianças do Infantário. Elas devem poder brincar livremente, sem correrem o risco de se desviarem para lugares perigosos. Sem a vedação isso não é possível por causa da rua, que ainda tem algum movimento. Só depois de termos a vedação,

poderemos colocar baloiços e tornar o recreio em algo digno desse nome. Além disso acabar-se-ia com um outro problema que consiste no facto de outras crianças, crianças da escola, virem para aqui partir vidros e estragarem as instalações.

— Parece-nos, todavia, que o problema mais premente é aquele que se liga com a ampliação das instalações...

— Sim. Essa obra permitiria a admissão de cerca de 30 crianças

que beneficiariam das vantagens que sempre traz a frequência de um Infantário. E se atendermos à numerosa lista de espera, podemos avaliar a importância da ampliação. O orçamento a que já me referi, aponta para esta obra, abertura da porta e corredor, gastos que rondariam os 100 contos, não mais.

— Poder-nos-á fornecer algumas indicações quanto ao funcionamento geral do Infantário?

continua na página 5



ALGO VAI MAL nos Bombeiros Voluntários de Espinho

Dos bombeiros voluntários continua-se a ter uma imagem de «homens para todo o serviço», radicada em anos e anos de dependência da sua actividade.

É assim que quando há incên-

dios, acidentes de viação, quando há naufrágios, inundações, poços a esvaziar, quando há funerais ou doentes a transportar, nas grandes catástrofes ou quando é preciso ir buscar um gato que subiu a uma árvore, já se sabe, chamam-se os bombeiros. E os bombeiros lá estão, ou melhor, lá têm que estar, pois então. Afinal os bombeiros não existem para outra coisa!

É assim que um bombeiro tem que saber combater incêndios e tem que ser também maqueiro, nadador, trepador, equilibrista, enfermeiro e o que mais for preciso. Ah, é verdade, os bombeiros também costumam estar no cinema e a gente até se lembra daquela vez que os bombeiros chegaram atrasados e (que chatice!) o filme só começou às dez menos vinte e cinco... E depois vêm com peditórios...

Mas, vá lá, de vez em quando sempre aparecem com a música

continuação da página 4

DE SEMANA A SEMANA

ESTRATÉGIA DEFINITIVA?

Acaba de ser formalizada, na Assembleia da República, a aprovação da nova lei da Reforma Agrária.

Resultado de acordos de gabinete entre o PS e o PSD não foi, efectivamente, no hemisfério de S. Bento que a lei foi aprovada, conforme seria de esperar. Como se viu, o funcionamento das instituições democráticas, cuja relevância tem sido enfaticamente apregoada em todos os tons, até por alguns dos seus mais conhecidos inimigos, não garante, só por si, nem a defesa dos interesses da grei, nem sequer o exercício autêntico da mesma democracia. Ele não passa, muitas vezes, do necessário quadro legal onde se espelham meras aparências duma realidade que por ali não passa, porque se desenrola na sombra dos gabinetes e nas costas do eleitorado.

Com contradições tão gritantes como as que traduziram algumas das questões que ao prof. Henrique de Barros foram colocados e das próprias respostas que essa respeitável figura de antifascista pôde dar, isto já nos últimos momentos do debate e para não citar múltiplos exemplos semelhantes ao longo das sessões, a LEI BARRETO, que o Governo reivindicava como sua, foi mais um passo para comprometer definitivamente a imagem do PS como partido verdadeiramente socialista.

Esta aliança feita com a direita, em detrimento dos interesses legítimos dos trabalhadores da terra e dos rendeiros e pequenos proprietários, sendo embora circunstancial, colocou o Governo na ladeira que, de cedência em cedência, o poderá vir a conduzir à degradação completa. O primeiro-ministro pode continuar a negá-lo. Pode continuar a fazer as declarações de independência que entender. Só que a verdade dos factos é indelével.

E o secretário-geral do PS melhor do que nós sabe, ou deve saber, os limites do mandato que o eleitorado lhe concedeu. Quer-nos parecer que há séria possibilidade de uma

continua na página 4



TEATRO POPULAR DE ESPINHO — COOP. NASCENTE

Estreia nos dias 30 e 31 de Julho

A Peça

«UM DIA MEMORÁVEL PARA O ERUDITO SR. WU»

Peça popular da China Antiga

na Escola Industrial e Comercial de Espinho — às 22 horas

APOIO DA CASA DA CULTURA DE ESPINHO
E DO FAOJ DE AVEIRO

CONSTRUÇÃO DO NOVO PARQUE DE CAMPISMO

Vai realizar-se em breve, na Câmara de Espinho, uma reunião com o director-geral de Turismo, na qualidade de vogal da Comissão encarregada de estudar a elaboração dos planos de obras desta zona de jogo, a fim de ser apreciada e decidida a aplicação do saldo de 25% da receita de jogo.

Considerando que já em 1964 fora deliberado construir um parque de campismo em Sales-Silvalde, com a consequente reserva de uma grande área arborizada; que no mesmo ano a Delegação de Saúde do Distrito de Aveiro foi de parecer que o terreno escolhido tinha boas condições para parque de campismo considerando-se, assim apropriado; que em 1966 a Repartição de Fomento do Comissariado do Turismo aprovara, embora sob condições, o anteprojecto do parque; que em Novembro de 1974, em reunião da comissão para aplicação dos 25% da receita do jogo foi, de novo, sugerido o estudo da construção de um parque de campismo, que viria a merecer o acordo e homologação das instâncias governamentais superiores; que se torna imperioso preservar a área arborizada a nascente da cidade; que a construção de mais um parque de campismo é uma necessidade urgente, dado o incremento que este tipo de alojamento turístico tem registado nos últimos anos, a Câmara propõe que na reunião a efectuar seja considerada prioritariamente a utilização do saldo referido na aquisição dos terrenos e construção do parque de campismo.

Tudo leva a crer, pois, que o início da construção do novo parque de campismo de Espinho será em breve uma realidade.



Pá velha

Confeitaria * Charcutaria

Especializada em **caladinhos - raivinhas - fogaças** (fabrico diário)

Ângulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

A ÁGUA TEM FALTADO

Em contacto com os Serviços Municipalizados de Espinho procuramos saber das origens da falta de água que se fez sentir no concelho, nomeadamente nos passados dias 20 e 21.

Esclareceram-nos aqueles Serviços que esses cortes se deveram a reduções do caudal fornecido por Vila Nova de Gaia, de que Espinho continua a depender em grande parte. Essas reduções foram justificadas por avaria na rede de abastecimento de Gaia.

Os S. M. E. não prevêm qualquer racionamento de água, admitindo contudo que situações como estas se possam vir a repetir pelos mesmos motivos, originando novos cortes ou simples redu-



farmácias

- QUINTA - Farmácia Higiene**
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320
- SEXTA - Grande Farmácia**
Rua 19 n.º 457 — Tel. 920092
- SABADO - Farmácia Teixeira**
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352
- DOMINGO - Farmácia Santos**
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331
- SEGUNDA - Farmácia Paiva**
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250
- TERÇA - Farmácia Higiene**
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320
- QUARTA - Grande Farmácia**
Rua 19 n.º 457 — Tel. 920092

ções no caudal de distribuição.

Em relação à energia eléctrica, não estão igualmente programados quaisquer cortes no abastecimento, a não ser por motivo de força maior e episodicamente.



NOTÍCIAS

COM O PEDIDO DE PUBLICAÇÃO
RECEBEMOS A SEGUINTE NOTA

CAFÉ POP

No número 51, Ano II de «Maré Viva» sob o título «um café demasiadamente Pop», fls. 2, e em destaque de rectângulo sublinhado, vem publicada uma notícia ofensiva da honra e consideração da gerência e do proprietário do Café Pop e do crédito do estabelecimento.

A espantosa notícia vai a ponto de se escrever que o «comércio retalhista se estende por uma vasta gama de «productos» que não é usual servirem-se à mesa ou ao balcão». (sic.)

«Não sei se nos entendem», continua o artigo. E acrescenta «mas talvez» entendam melhor se vos dissermos que moradores dos prédios vizinhos têm sido acordados às 2 e 3 da manhã, por gente que vai lá perguntar se «são ali os quartos do Café Pop». O restante do artigo é insidioso.

É uma infame calúnia, atingindo a honra e consideração do proprietário, sua família e prejudicando o crédito comercial e social do Café.

Notícia falsa que se repudia com indignação.

O proprietário vive com sua mulher, seu Pai e Mãe, pessoas reconhecidamente honradas e como tal respeitadas e estimadas.

Do trabalho do café vivem 8 pessoas entre famílias e pessoal, em honrado labor, decentemente.

A dignidade das pessoas e o direito ao trabalho não podem ser perturbados.

Ao abrigo da lei de Imprensa, rogo a publicação desta carta, com o protesto de chamar os responsáveis ao Tribunal Competente, pelas ofensas e danos morais e materiais provocados pela caluniosa notícia.

Publicada no mesmo local, destaque e tipo de letra, conforme lei de Imprensa, prontifico-me a pagar a parte por ventura excedente à extensão do texto que provoca esta resposta.

Sem mais

Proprietário do Café Pop
Fernando Madureira da Costa

NOTA DA REDACÇÃO

Nem o recurso a argumentação tão tocante, nem mesmo a ameaça de acção judicial poderão impedir-nos de mantermos tudo o que anteriormente aqui dissemos, apoiados, repetimos, em testemunhos de moradores vizinhos.

Só mais um reparo: o direito ao trabalho merece-nos todo o respeito, mas só quando não interfira com outros direitos que igualmente respeitamos: o direito à tranquilidade e à segurança do cidadão, por exemplo.

MORTE TRÁGICA

Na manhã da passada sexta-feira, dia 22, foi colhido pelo comboio, junto do Rio Largo, o sr. António Espírito Santo, reformado da C. P., de 69 anos de idade.

Defensor apaixonado dos ideais socialistas, a sua morte causou profunda impressão em todos quantos conheciam este homem justo, para quem os sentimentos de amizade e solidariedade tinham o seu verdadeiro sentido.

Ao estado deprimido que ultimamente se lhe notava, e a que não era estranha a precária saúde que o afligia, se atribui o seu trágico desaparecimento.

A família enlutada «Maré Viva» apresenta sentidas condolências.

J. Pinheiro de Moraes

CLÍNICA GERAL

Rua 20 n.º 390 - Tel. 920452

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

R. 20 n.º 520-1.º - Tel. 921014

maré viva

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

Ana Maria, António Letra, António Santos, Augusto Mota, Eugénio Morais, João Barrosa, José Cruz, Manuel Lourenço, Morais Gaio e Victor Sousa.

Colaboração especial:

Carlos Pinhão e João Martins.

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director:

VICTOR SOUSA

Redacção:

RUA 62 N.º 251-1.º
TEL. 921621 — ESPINHO



S. PEDRO

Dia 28, Quinta-feira

«O Império dos Sentidos»

Para maiores de 18 anos

Exibido recentemente entre nós, consideramos oportuna a repetição deste filme, pois permitirá a quem não teve oportunidade de o ver ou a quem fez a sua apreciação incompleta um julgamento do seu real valor, mas esse deverá ser integral, e nunca prematuro ou precipitado. Muito aconselhável.

Dia 29, Sexta-feira

«O Soldado Aventureiro»

Para maiores de 12 anos

Outra reposição, mas sem qualquer mérito que justifique o nosso apreço. Bud Spencer no protagonista é sinónimo de pancadaria gratuita, embora uma vez por outra com alguma graça. Sofrível.

Dia 30, Sábado

«Escada de Caracol»

Para maiores de 18 anos

Filme policial com pretensões a fugir para o terror que bem no fundo não consegue ser nem uma coisa nem outra. Nem Jaqueline Bisset lhe consegue criar algum interesse, digno de atenção.

Dia 31, Domingo

«A Flecha e a Rosa»

Para maiores de 13 anos

Talvez o mais recente filme de Richard Lester a ser exibido em Portugal, apresenta-nos a história de Robin dos Bosques, mas desta vez numa versão do anti-herói, dando-nos assim a desmitificação dum valor, consagrado aos olhos de muitos através do ridículo de que muitas vezes é revestido. Curioso e divertido.

Dia 1, Segunda-feira

«O Cordeiro Enfurecido»

Para maiores de 18 anos

Filme que nos apresenta no elenco cinco intérpretes-vedetas é indício que algo de especial haverá a esperar. No caso presente é puro «bluff». Michel Deville não consegue justificar-nos a razão de tal facto e apresenta-nos um argumento fraco, que, apesar de alguma curiosidade, deixa no espectador uma sensação de desencanto.

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

Dia 2, Terça-feira

«Oh, Amigos Meus»

Para maiores de 13 anos

Obra derradeira de Pietro Germi que, por não ter sido então concluída, veio a ser terminada por Mario Monicelli. Assim, a diferença de estilos está bem vincada, pelo que não se chega a concluir se o segundo adulterou a ideia do primeiro, ou se o trabalho do primeiro muito prejudicou o do segundo. Apesar disso, aconselhamos a sua apreciação de valor.

Dia 3, Quarta-feira

«O Ministro e Eu»

Para maiores de 13 anos

Como aqui temos referido, a demagogia que Mário Moreno (Cantinflas) desenvolve nas suas últimas produções, deixa-nos por vezes sem saber quais as suas reais intenções. Ainda por cima o seu humor é tão bolorento, que francamente não sabemos que dizer de tudo isso junto. Evite.

CASINO

Dia 28, Quinta-feira

«A Vida Começa aos Vinte Anos»

Para maiores de 13 anos

Filme do lugar-comum, pseudo-intelectual, é o que nos oferece referir deste melodrama «francesco» do qual o espectador sai pior do que quando entrou. Por isso, falte.

Dias 29 e 30, Sexta-feira e Sábado

«Tortura de Mãe»

Para maiores de 18 anos

Muitas desgraças juntas e com sentimentalismo piegas à mistura é tema quase dominante das foto-(cine)-novelas. Nisso os brasileiros são mestres. Vai daí, os mexicanos copiam e fazem ainda pior. E assim o resultado está bem à vista nesta película. De fugir.

Dia 31, Domingo

«A Mundana Feliz»

Para maiores de 18 anos

Este filme, que não é totalmente desinteressante, dá-nos pormenores e aspectos por vezes até curiosos dos meios da prostituição americana. Por aí nos retrata um sub-mundo que muito influi no comportamento de uma sociedade cada vez mais decadente. Aceitável.

Dia 1, Segunda-feira

«Golpe Audacioso»

Para maiores de 18 anos

Tudo quanto se nos oferece referir sobre esta fita resumimo-lo dizendo que se trata de mais uma história policial de cordel, sem um mínimo de interesse que justifique sequer a presença de um ou outro intérprete conhecido.

Dia 3, Quarta-feira

«No Calor de Júlia»

Para maiores de 18 anos

Dos estúdios franceses chegam constantemente produções de teor mais ou menos pornográfico, mas mais menos do que mais. Este filme é disso exemplo. Felizmente que se começa a registar já indícios de saturação no público habitual. Que venha depressa.

S. PAIO DE OLEIROS

Notas sobre um assalto

A residência paroquial de S. Paio de Oleiros foi, na tarde do dia 14, assaltada por indivíduos armados de enxadas que, fazendo estilhaçar os vidros das janelas e das portas, a invadiram.

Os meliantes agrediram as pessoas que lá se encontravam e causaram deliberadamente danos de vulto no recheio da habitação.

É assim que se costuma tratar, na imprensa diária, os protagonistas de casos de assalto ao alheio, a quem se dá também a designação de gatunos, larápios e outros epítetos do género.

E se tal não aconteceu, talvez se deva ao facto de se continuar a privilegiar as famílias-bem, as tais que nunca cometem erros e a quem tudo se desculpa. Os maltrapilhos, os jovens dos bairros de lata, os filhos dos alcoólicos e das prostitutas, esses, ao mais pequeno deslize, estão a contatados com a polícia, sem qualquer hipótese de reabilitação. Logo após o delito, dá-se-lhes caça, são procurados até ao mais recôndito lugar e levados para a esquadra.

No caso dos nossos heróis, nada disso aconteceu: movem-se com perfeito à-vontade, gozam férias ou continuam a trabalhar como se nada tivesse sucedido. A autoridade inclusivamente parece ter esperado que concluíssem o crime e só depois apareceu, a avaliar pelas palavras bem significativas de um tal senhor que, dirigindo-se a um dos guardas, lamentou que não tivessem vindo um pouco mais tarde, para que tudo ficasse arrumado.

Pelos vistos, não lhes bastou um rés-do-chão esventrado, de vidraças escaqueiradas e metais torcidos, como sinais evidentes da passagem de tresloucados epiléticos; não lhes bastou a agressão, o sequestro, a intolerância cega, a violência com carimbo de fascismo; não lhes bastou o terem pago a alcoólicos para que tocassem o sino a rebate; não lhes bastou a dispensa do trabalho que, desta vez, a gentileza de alguns patrões concedeu aos seus apaniguados para que perpetrassem o acto o mais cobardemente possível. Ainda queriam mais... Só que esbarraram contra a vigilância, a coesão, a não cederia a provocações de um povo ordeiro e pacífico, um povo que alguns teimam em ver dividido.

No entanto, ainda lhes é possível narrar a sua façanha quixo-

tesca. Ainda podem ter o descoço de dizer: «Fui eu!» e rir como se o mundo lhes pertencesse. Acção meritória, digna dos aplausos dos vermes e dos répteis e de um louvor em papel higiénico, a arquivar nas prateleiras do esquecimento! Por ter partido vidros mais insignificantes mereceu justificada fama o garoto do Charlot! Além de que os garotos desta história são pessoas importantes



que nunca tinham partido... nem um prato!

Esquecendo por momentos a esferográfica ou a máquina de escrever, seus usuais instrumentos de trabalho, vieram dactilografar à enxadada os caracteres do ódio e da vingança. Chegaram possessos do DIABO, saídos de uma lagoa pestilenta, habitada de monstros e de mafarriquinhos, aprendizes de escrevinhadores de notícias turvas em «semanário-republicano-regionalista».

O alarme do sino atirou para ali a freguesia em peso... e não só! O DIABO foi dos primeiros a chegar! Um cavaleiro com negócios a 20 quilómetros chegou também razoavelmente a tempo (Ah! potente sino!). E vieram os namorados! E vieram as senhoras que nunca saem com os maridos! E veio também a menina que só costuma sair de casa quando vai para o colégio! Veio no popó do papá, porque

continua na página 6

Semana de Amizade com os Países Socialistas

Até 31 de Julho de 1977 (Tarde)

PROGRAMA

- Dia 28 — Quinta-feira, às 22 horas
Projectção do filme búlgaro «Corno de Cabra»
- Dia 29 — Sexta-feira, às 22 horas — DIA DA U. R. S. S.
Projectção do filme «Um Aperto de Mão no Cosmos»
- Dia 30 — Sábado, às 22 horas — DIA DA CECOSLOVAQUIA
Projectção do filme «Armas para Praga» (episódios da resistência antifascista)

Todos os dias — Grande Exposição Fotográfica
«17 Anos da Revolução em Cuba»

No Salão da Piscina

Entrada Livre

ALGO VAI MAL nos Bombeiros Voluntários de Espinho

quando há assim uma festa grande, que mete a Câmara e outras pessoas importantes. O miúdo gosta de ver e até já diz: «Quando eu for grande, quero ser bombeiro».

É esta a ideia que ainda muita gente faz dos bombeiros. Por má fé, poucas vezes, quase sempre por desconhecimento, por indiferença, por hábito. É isso mesmo: está-se demasiado habituado a que haja bombeiros. E esquece-se que a grande maioria dos bombeiros são trabalhadores, têm a sua profissão e que depois, em vez de irem para casa calçarem as pantufas junto da família, vão para o seu quartel trabalhar, cuidar do material, das viaturas, enquanto imaginam formas de arranjar dinheiro para que a corporação seja capaz de responder às necessidades do povo que querem servir. E depois são as chamadas a meio da noite, o desejado descanso interrompido e, quantas vezes, o risco de saúde e da própria vida. E tudo isto sem receberem, um único tostão.

Este esforço não é, felizmente, sempre incompreendido. E são as provas de reconhecimento, de solidariedade, que animam um homem a continuar.

São assim os bombeiros voluntários de centenas de corporações que permitem que continue a haver alguma segurança, alguma tranquilidade. São assim também os bombeiros das duas corporações que temos a sorte de ter em Espinho.

Pois foram homens dos Bombeiros Voluntários de Espinho que vieram falar connosco. E vieram com preocupações bem precisas: a grave crise por que passa a sua corporação e o esclarecimento público dos motivos de prejuízos que daí podem resultar para a população.

Não os move qualquer animo-

sidade pessoal, mas a constatação de que algo vai mal na Associação dos Bombeiros Voluntários de Espinho a que dão todo o seu esforço e dedicação.

Contaram-nos que um dos riscos imediatos é o de as viaturas não poderem sair. Deixou-se relaxar o seguro e o resultado é os motoristas poderem ficar sem carta de condução se houver qualquer acidente, e portanto sem possibilidade mesmo de exercerem a sua profissão de motorista fora dos Bombeiros. Por isso mesmo há já viaturas paradas, pois não há dinheiro para pagar as reparações.

Aliás, a gestão financeira deixa muito a desejar e falta de cuidado da direcção e do comandante faz com que a Associação atravessa nesse aspecto uma grave crise.

Não podem aceitar, por exemplo, que se deixe passar o prazo de requerer o subsídio de gasolina à Inspeção de Incêndios e que, ao mesmo tempo, se mande uma viatura regar o campo de golfe, gastando-se em gasolina qualquer coisa como 1.500\$00. Além disso ainda não apareceu o relatório de contas de 1976.

Vale à Associação os fundos que os bombeiros angariam nos bailes que organizam para que a situação financeira não seja ainda mais grave.

Entretanto, preocupa-nos também o ambiente pouco recomendável que se vive na corporação. Os bombeiros estão divididos e aí as maiores responsabilidades cabem ao comandante, que utiliza critérios de justiça diferentes, que vão do proteccionismo à hostilidade. Não admira assim que os conflitos apareçam com frequência, com prejuízo da unidade necessária para um trabalho eficiente da corporação.

Foram-nos relatadas outras situações menos agradáveis, que não abonam muito em favor da

competência e imparcialidade de quem é responsável por uma Associação em quem a população de Espinho continua a depositar a sua confiança.

Desgosta-os, nomeadamente, que tendo sido entregue, há vários meses, ao comandante uma lista de ex-bombeiros demitidos (ou suspensos) que os actuais bombeiros gostariam de ver regressar, não tenha havido qualquer resposta. E aqueles são homens com experiência, capazes de reforçarem o corpo activo, e que veriam com alegria a oportunidade de regressarem à sua corporação.

Enfim os bombeiros que connosco falaram querem ver a sua Associação retomar o seu prestígio e a sua corporação regressar à operacionalidade que sempre se orgulhou de ter. E julgam que para isso será necessária uma direcção formada com homens com experiência na corporação (reconhecem entretanto que o secretário e o tesoureiro da actual direcção são pessoas dedicadas) e não necessariamente por pessoas importantes, que não têm nem o tempo, nem a dedicação necessárias para essa tarefa. E têm pena que o comandante já não consiga repetir os anos em que efectivamente prestou valiosos serviços à Associação.

Pois de facto, do que aqui se escreve e do que mais nos foi dito se poderá concluir que algo tem de ser feito nos Bombeiros Voluntários de Espinho por um regresso rápido ao seu prestígio e eficiência de que já deu provas.

Mais se poderia descrever, dizer, especular até. Pensamos porém que, por agora, se terá apresentado o suficiente para que a situação possa ser encarada publicamente no sentido da busca da melhor solução. Para os Bombeiros Voluntários de Espinho e para a comunidade que eles servem.

continuação da página 1

De Semana a Semana

continuação da página 1

grande parcela desse eleitorado, sobretudo os trabalhadores, se sentirem defraudados em relação às legítimas expectativas que o programa do Partido Socialista lhes criou. E, sendo verdade que na segunda só cai quem quer, é muito provável que esses eleitores não queiram depositar de novo a sua confiança e entregar o seu mandato nas mãos de quem pensem que nem merece uma, nem sabe utilizar o outro.

Com isto ficará afastado, definitivamente, caso a estratégia adoptada pelo PS não se altere, o importante papel que deveria caber a um partido socialista na transformação radical da sociedade portuguesa. O que virá reforçar a importância e a urgência de todas as forças consequentemente antifascistas e progressistas desenvolverem, no quadro da Constituição, a sua unidade na acção.

Modas

MENDES
Lanifícios

Rua 16 n.º 683
Telef. 920168 ESPINHO

CAFÉ

O TROVADOR

Serve pregos — Cachorros

Especialidade em
Francesinhas

Av. 24 e Rua 31 — Espinho

INSCREVA - SE SÓCIO DA **NASCENTE**

BAPTISTA

MÓVEIS E DECORAÇÕES

Rua 20 n.º 528

ESPINHO

ISAURA

CABELEIREIRA

Rua 16 n.º 752 — ESPINHO

Rubi

Relojoaria — Ourivesaria

Ivo dos Santos Coelho

Rua 23 n.º 360 - Tel. 920592

ESPINHO

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

ESPINHO



"O VIVEIRO"

Aves - Pelxes - Gaíolas nacionais e estrangeiras - Aquários - Alimentação Fombos Correios - Pintos do dia

Rua 23 n.º 51 e 52

Telef. 921622

Merc. Municipal — Espinho

CUSTO DE VIDA

TRINTA CRIANÇAS À ESPERA

continuação da página 1

— Aqui existe Infantário e Creche. Frequentam-nos 72 crianças assistidas por três educadoras que enquadram 5 monitoras, sendo-lhes servidas três refeições. Nos intervalos das refeições as crianças desenvolvem imensas actividades de carácter formativo: passeios, jogos, etc. Como podem ve-

são sempre mais objectivos, se os salários e aumentos salariais dos trabalhadores serão, conforme alguns pretendem, a causa principal de o consumo ser superior ao Rendimento Nacional.

Em 1975 o consumo privado atingiu, no seu total, 316 milhões de contos, enquanto o dinheiro pago em salários se ficou pelos 197,1 milhões. Daqui se conclui que mesmo no ano em que os trabalhadores dispuseram de maior poder de compra, a massa salarial que lhes foi paga não foi, de forma alguma, exagerada.

Mas então quem consumiu a diferença entre o consumo total, os tais 316 milhões, e a parte que coube aos trabalhadores através dos salários? Terão sido os pequenos agricultores, comerciantes ou industriais, que representam cerca de 25% da população? Parece que não, tanto mais que, na generalidade dos casos, a sua capacidade de consumo não ultrapassa muito a de um trabalhador médio. A resposta dá-se com um número: 5%, isto é, a percentagem da população constituída por grandes industriais, comerciantes e agricultores. Esses é que consumiram a grande parte do «bolo» que falta, grande sobretudo pelo pequeno número desses elementos da população.

rificar, as instalações são velhas mas o tratamento é de facto bom. Neste momento pensamos aproveitar mais racionalmente as instalações de que dispomos, utilizando novas salas o que permitirá aumentar imediatamente o número de crianças aqui inscritas, de 72 para 85.

— Qual o sistema de pagamento que aqui vigora?

— Existe uma quota mensal que é estabelecida para cada caso, atendendo ao rendimento da família. Assim estão aqui crianças que pagam mensalmente, desde 17\$50 a 1.250\$00. O máximo é de 1.500\$00. É claro que as crianças são tratadas independentemente da quota que os pais pagam, isto é, recebem todas a mesma assistência. A alimentação é também igual para todos. Ao almoço, por exemplo, é fornecida uma alimentação que, de modo nenhum, se pode comparar àquela que as crianças teriam em casa. Enquanto que a população vive aqui, praticamente à base de carapau frito, nós damos bife, fígado, rins, mesmo pescada em posta, tudo aquilo que nunca teriam possibilidades de comer em casa.

— No que diz respeito a assistência médica, existe aqui médico diariamente?

— Não existe, de facto, um médico permanente; com esse carácter só temos a nossa enfermeira. Tentamos um contacto com o Centro de Saúde e falamos com o dr. Miranda Valente e com o dr. Pedrosa. Eles informaram-nos que iam tentar conciliar horários no sentido de conseguirem aqui visitas regulares de um pediatra. Contudo este contacto foi tentado há pouco tempo e é natural ainda não existir uma resposta. Continuamos, portanto, esperando.

— Que tipos de actividades se fazem fora do âmbito destas paredes, isto é, realizam-se habitualmente passeios, viagens, etc.?

— Costumam as nossas educadoras passear pela cidade com as crianças. Para além disso, muito pouco se tem feito, pois de um modo geral, viagens para fora da cidade envolveriam transportes que teriam que ser pagos pelos pais e é um facto que estes não poderiam fazê-lo. Por isso já solicitamos um subsídio à C. Municipal de maneira a podermos levar as crianças ao «Portugal dos Pequenos».

— Nunca pediram qualquer tipo de apoio por parte de organizações culturais?

— O único apoio que tínhamos desse género era dado por um rapaz que estava a fazer o Serviço Cívico e que vinha cá, duas vezes por semana, dar um pouco de ginástica e cantar umas canções. Entretanto ele acabou o cívico e deixou de vir. Pensamos que esta ajuda foi bastante importante e tentaremos, para o ano, arranjar qualquer coisa semelhante.

— Existe algum critério para a admissão das crianças?

— Em princípio não. Porém, como o número de candidatos excede muito a lotação deste infantário, acabamos por estabelecer prioridades, atendendo ao local onde habitam, se os pais trabalham ambos, qual o seu nível salarial, etc.

— Quem concretamente frequenta o Infantário?

— São crianças aqui da zona. Aliás é curioso que, estando o Infantário aberto a toda a população, a toda a cidade, ele não seja utilizado a não ser por gente daqui. Embora representasse uma considerável sobrecarga na nossa já muito grande lista de espera, a vinda de crianças de outras zonas seria consideravelmente positiva. Existem com certeza razões que explicam o facto de elas não aparecerem. Quer a identificação do Infantário com a Casa dos Pescadores, quer as características do meio que o envolve, esta zona não é geralmente considerada na cidade, quer mesmo desconhecimento.

— Com certeza que existem contactos entre o Infantário e a população. Como se processam esses contactos?

— Tentaram-se e tentam-se contactos com a população, nomeadamente com os pais das crianças que frequentam o Infantário. Fizeram-se algumas reuniões, mas o nível de participação foi bastante baixo. Mas isto infelizmente é normal, e muito mais se justifica num meio como este em que as pessoas têm imenso que pensar na sua sobrevivência. Mas ainda assim o alheamento não é total, pois os pais, quando cá vêm pagar a quota, pois visitam as nossas instalações, põem questões, fazem as suas críticas e são esclarecidos. Além disso há dois ou três pais que, de facto, se interessam bastante por isto, e estão sempre dispostos a ajudar para o que for preciso.

— Em que medida é que, na sua opinião, o Infantário contribui para a elevação do nível cultural desta zona?

— É um facto que o Infantário contribui positivamente na elevação do nível cultural do Bairro. Por exemplo, as crianças mais velhas que para cá vêm, entre 4 e 5 anos, quando aqui chegam, nem num talher sabem pegar. Nós ensinamos-lhes muitas coisas que as ajudam a formar correctamente. Mesmo os pais acabam por ser influenciados; elas começam a ver como as coisas aqui se passam e adquirem novas ideias sobre os mais diversos aspectos.

Como podemos verificar, apesar dos numerosos problemas com que se debate, a acção do Infantário não deixa de ser notória. Mas poderá, com certeza, ser ainda mais importante, para o que se espera, da parte do IOS, uma rápida e positiva decisão quanto às tão necessárias obras. Espinho não é tão rico de instalações deste tipo que possa prescindir da ampliação máxima deste Infantário. E situado como está, numa zona da cidade que sofre de carências múltiplas, ainda mais útil é o seu papel, cujo melhoramento se deseja que continue, com o apoio dos organismos oficiais e o trabalho dedicado da equipa responsável, que lá se ocupa com a formação de 80 crianças provenientes de um meio tão desfavorecido.

ÍNDICE DE PREÇOS NO CONSUMIDOR — 1.º TRIMESTRE 1977

| | JAN. | FEV. | MARÇO |
|--------------------------------------|-------|-------|-------|
| Alimentação e bebidas | 111 | 114,1 | 129,5 |
| Cereais e produtos à base de cereais | 100,8 | 101,4 | 124,8 |
| Pão | 101,5 | 102,4 | 136,8 |
| Legumes | 144,6 | 190,4 | 231,2 |
| Frutas | 96,5 | 100 | 111,6 |
| Carnes | 107,5 | 108,8 | 142,5 |
| Carne de vaca | 106,3 | 109,6 | 173,3 |
| Leite e produtos derivados | 101 | 100 | 121,7 |
| Cacau, Café, Chá | 141,6 | 150,7 | 183,5 |
| Vestuário masculino | 106,3 | 107,7 | 111,5 |
| » feminino | 110 | 112,8 | 115,3 |
| » de criança | 112,4 | 114,7 | 119,6 |
| Calçado | 113,2 | 116,8 | 122,3 |

Uma breve análise destes números, e tomando o índice 100 como ponto de partida, permite concluir que Janeiro e Março últimos o custo de vida sofreu um agravamento significativo, especial através dos aumentos de produtos como o pão, a carne, o leite e derivados da fruta — que é como quem diz os produtos essenciais a uma alimentação capaz.

É visível, portanto, que sobre o governo recaem grandes responsabilidades na resolução deste

grave problema, até não faltam razões para lhe atribuir também culpas na situação a que se chegou. De qualquer forma, é urgente que se tomem medidas para acabar com esta pavorosa alta de preços. Até porque os números que apresentamos, retirados de uma publicação oficial — o Boletim Mensal do Instituto Nacional de Estatística — se referem apenas ao 1.º trimestre deste ano, e desde então a situação, longe de melhorar, mais se tem vindo a agravar.

MARÉ VIVA
É INDISPENSÁVEL

EXAMES

REPROVAÇÕES - Acaso ou Objectivo?

fabetos (segundo a óptica dos fascistas) é um povo que não compreende os problemas que o rodeiam, é um povo que não pensa nem põe em causa o sistema (fascista) em que se insere.

Com o 25 de Abril, com a livre expressão de pensamento, surge o objectivo de resolver o problema do analfabetismo. Daí as campanhas de esclarecimento, das campanhas de alfabetização e o arejamento dos programas escolares, com vista à correcta inserção do povo na problemática social, o acesso das classes desfavorecidas ao trabalho consentâneo com as suas aptidões, que são votáveis.

Só que... vencer o analfabetismo não é garantir apenas uma escolaridade obrigatória aos estudantes e depois abandonar os mesmos à sua sorte, garantindo-lhes apenas desemprego e a incapacidade de pôr em prática os conhecimentos assim adquiridos. A não ser que se pense, falsa e ridiculamente, que já não há analfabetos se as pessoas «souberem ler e escrever uma carta».

E assim se viu o M. E. I. C. perante um problema: por um lado, a quantia de uma escolaridade mínima obrigatória. Por outro lado a incapacidade de inserir os estudantes na vida activa nacional, garantindo-lhe a transformação de uma teoria periclitante (até porque as escolas não estão pedagogicamente equipadas para uma boa aprendizagem teórica) numa prática coesa e eficiente.

Daí o «sacudir a água do capote» que se manifesta na gradual dificuldade criada aos professores e aos estudantes, para pôr de

Continuação da página 8

pé a proposta de resolução do problema do analfabetismo, da consciencialização cultural e técnica dos estudantes como trabalhadores futuros, inseridos numa sociedade democrática, onde cada um auferir segundo aquilo que produz.

Daí o estabelecimento de programas retrógrados, a situação de improvisação criada aos professores, o encerramento dos estudantes nas quatro paredes que constituem a sala de aula.

Daí os exames a nível nacional, atentatórios da mobilidade e da metodologia do ensino local.

Daí as reprovações, que seleccionam camadas de estudantes, que os desmobilizam para os cursos superiores, que garantem a Universidade para um nível restrito de estudantes. E é de notar que, durante as inscrições para o (renascido) exame de aptidão à Universidade ocorreu significativo número de desistências, na previsão de que tal tipo de exames não diferirá muito dos verificados nos Cursos Gerais e Complementares: as reprovações em massa.

Daí que essas reprovações não surgem apenas pelo acaso.

A democratização do ensino não passa apenas por esta maneira de encarar o fim do analfabetismo. A democratização do ensino não passa apenas pela garantia da escolaridade mínima. Nem, muito menos, passa pela selecção e pelo impedimento de acesso aos cursos superiores.

Democratização do ensino passa pela ampla reforma das estruturas em que assenta a Escola e das relações entre esta e o ambiente social, nomeadamente entre esta e o meio trabalhador.

MANUEL DA FEIRA

Manuel de Oliveira M. Ferreira

Serviço à lista
Almoços e Jantares
Cozinha Regional
Espec. em frango embriagado e Coelho à Beirão
Rua 26, n.º 625 - ESPINHO

Quiosque Subterrâneo

Jornais - Revistas - Tabaco

A SUA MÃO

na passagem sob a via férrea

CAFÉ E RESTAURANTE
COPÉLIA

Almoços e Jantares
Serviço à lista
Especializado em
Casamentos e Baptizados
Grande variedade de
Petiscos
Rua 23 n.º 808 - ESPINHO

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL N.º 58 / 77

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 16 do corrente mês, deliberou abrir terceiro Concurso para a exploração de 3 montras na passagem inferior ao Caminho de Ferro, no período de 1 de Julho de 1977, a 31 de Junho de 1978, nos termos das condições existentes na Secretaria da Câmara Municipal e que se encontram patentes todos os dias úteis, dentro das horas de expediente a quem as pretenda consultar.

As propostas terão de ser entregues até às 17,30 horas do dia 9 de Agosto próximo e serão abertas na próxima reunião ordinária que se seguir.

E, para constar, se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Espinho e Paços do Concelho, 20 de Julho de 1977

O Presidente da Câmara
Artur Pereira Bártolo

DESPORTO

As Nossas Entrevistas

Continuação da página 7

po de miúdos que queriam jogar, mas que não tinham condições, nem quem os orientasse. Entramos no campeonato regional de juniores, um campeonato longo, com 24 desafios, com pouco jogadores, somente os cinco indispensáveis. Volto, no entanto, a ter sorte porque nunca faltou nenhum jogador, pudemos jogar sempre e conseguimos um 4.º lugar entre treze equipas, sem treinos de espécie alguma».

Tantos anos ligado ao hóquei, terá sem dúvida, o nosso entrevistado sentido uma evolução, uma mudança, tanto a nível nacional, como no que se refere à Académica.

«O hóquei que é praticado de há uns anos a esta parte é superior no aspecto tático. Sempre tivemos bons jogadores, de excepcional craveira técnica. Contudo, antigamente era mais restrito o grupo de bons jogadores, existindo hoje mais equilíbrio. Simplesmente parece-me ter-se perdido

em relação ao espectáculo, preocupando-se mais com as táticas, sobretudo defensivas.

Quanto à Académica, no que respeita aos seniores, que tem grupo de jogadores muito bons tecnicamente, tal como outro bom jogador português qualquer. O porquê de não conseguirem traduzir as suas potencialidades está em que são demasiado amadores, a sua preparação é irregular, não resolvendo o potencial técnico todos os problemas. Quando conseguem uma disciplina tática aliada à sua técnica individual, poderão alcançar bons resultados, tendo presente que os jogos são ganhos logo no início da época, na preparação que se faz.

O trabalho de base que está a ser feito poderá ter continuidade se a carolice de alguns não desaparecer. Se ele for válido, seguido, poderá dar bons frutos. Tudo depende de haver, ou não, pessoas que tomem isso a seu cargo».

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL N.º 56 / 77

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público em cumprimento da deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária de 16 de Julho de 1977 que a feira semanal que devia ter lugar em 15 de Agosto próximo, é transferida para o dia 16 do mesmo mês, por coincidir com um feriado obrigatório.

E, para constar, se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados nos jornais «Defesa de Espinho» e «Maré Viva».

Espinho e Paços do Concelho, 20 de Julho de 1977

O Presidente da Câmara
Artur Pereira Bártolo

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
DE ELECTRICIDADE, AGUA
E SANEAMENTO DA CAMARA
MUNICIPAL DE ESPINHO

A V T S O

Período de Férias
dos Trabalhadores

Em conformidade com a disposição 4.ª das Condições de Venda de Energia Eléctrica e por motivo de férias ao respectivo pessoal, não serão efectuadas leituras dos consumos de electricidade e água, bem como cobrança respeitantes ao mês de Julho.

Os consumos acumulados no referido período serão cobrados no mês seguinte.

Ao ausentarem-se das suas habitações, os consumidores devem tomar as providências aconselháveis no respeitante à segurança das instalações de electricidade e água.

Espinho, 18 de Julho de 1977
A Direcção

S. Paio de Oleiros

continuação da página 3

o papá queria que ela presenciasse aquelas cenas chocantes e ficasse a saber até que ponto é possível «o homem lobo do homem».

Aí está a romaria antecipada! Só faltaram os foguetes! E a iluminação, porque a festa durou até às tantas, quando a guarda, constatando que o arraial nocturno se estava a prolongar para além da hora habitual, mandou dispersar.

Interessa agora saber quem irá pagar os «festejos». É claro que toda a gente conhece os responsáveis e a conta não deixará — assim esperamos — de lhes ser apresentada na devida altura.

Que irão então alegar? Já se sabe que falarão do facto de o pároco ter mandado trocar a fechadura da casa dos mordomos e esquecerão com certeza que esta consta da relação do património paroquial registado numa acta de 1927. Alegarão muitas outras coisas, mas continuarão a confundir por incapacidade intelectual ou para fartar os seus designios, o que é paróquia e o que é freguesia, pretendendo uma vez mais calcar aos pés a Constituição da República Portuguesa, no que se refere à separação entre a Igreja e o Estado. Continuarão a querer ser ao mesmo tempo a autoridade civil e a autoridade religiosa, como se uma comissão de festas nomeada por leigos fosse a própria Igreja, o próprio bispo, o próprio pároco. Prova de que a religião para muitos não passa de uma girândola de foguetes, de uns bonequinhos de cera ou de uns andores enfeitados com umas notas de mil. Enfim, uma religião de ídolos e não de homens, uma religião de mortos e não de vivos, uma religião de amor pelo que é fácil amar e não uma religião de amor pelo semelhante, que é violentado, sequestrado, escravizado.

DESPORTO



AS NOSSAS ENTREVISTAS

"Os jogos são ganhos logo no início da época, na preparação que se faz"

— disse-nos o Dr. VIRGINIO PEREIRA



ANDEBOL INTERNACIONAL

No passado dia 19, houve andebol internacional em Espinho. Realmente, aproveitando a visita a Portugal da equipa juvenil do Granollers, equipa espanhola de Barcelona, os jovens andebolistas espinhenses tiveram oportunidade de defrontar uma equipa dum país onde o andebol está bastante mais desenvolvido do que no nosso, pelo que contactos deste tipo são sempre muito proveitosos.

O jogo em si teve aspectos interessantes com os espanhóis a demonstrarem sempre um maior sentido colectivo, tanto a defender como a atacar, enquanto os espinhenses actuaram mais desgarrados muito à base de iniciativas individuais. No entanto, no 2.º tempo o jogo foi bastante equilibrado pelo que a derrota por 20-26 não deslustra, já que o adversário logo no aquecimento demonstrou a sua superioridade.

A anteceder este jogo, efectuou-se outro entre as equipas de iniciados e infantis do SCE que os primeiros venceram por 16-9.

Seria bom que iniciativas deste tipo se repetissem, já que estes contactos são um incentivo aos miúdos para praticarem a modalidade, despertando também a atenção do público, o que ficou demonstrado pela bastante razoável assistência que presenciou o encontro.

Quando se pretende analisar, fazer história de qualquer actividade encontramos determinados nomes, que, pelo trabalho desenvolvido, não se poderão ignorar. Daí que ao pensarmos no hóquei em patins, actividade que a A.A.E. pratica há 39 anos, não poderemos deixar de referir nomes como o do dr. Virgínio Pereira, que tanto a nível local como nacional, tem tido tido papel de relevo na sua sobrevivência e evolução. Ahamos, por isso, importante solicitar-lhe que expusesse as suas impressões, que recordasse a sua actividade, pois desta forma entenderemos melhor o que é e o que foi o hóquei na A. A. E. e conheceremos melhor um homem que, apesar de não praticar, fez e continua a fazer algo em prol do Desporto.

«Desde muito novo que, por motivos de saúde, estava impedido de praticar desportos, de certo modo, violentos. Contudo, o hóquei começa na Académica de Espinho em 1938 e eu, sentindo-me atraído pela modalidade, e não podendo jogar, começo a arbitrar dois anos depois. Fui, portanto, árbitro da modalidade, durante dez anos, tendo arbitrado em Montreux no torneio das Nações.

Antes de casar, e a pedido da minha futura mulher, deixei de arbitrar, mas como continuava com o vício fiquei com o Francisco Caldeira na escola de patinagem, durante quatros anos seguidos. Como não era permitido jogar hóquei ante dos 18 anos, preparavamos os jovens, não para competir, mas para lhes inculcar um desenvolvimento físico e humano, que consideravamos importante. Ao fim dum ano abrem-se as

portas da competição para esses jovens, tendo-se conquistado dois títulos consecutivos de campeões regionais do Norte, invictos, sem perdemos ou empatarmos qualquer desafio. No segundo ano perdemos o nacional, apesar de ficarmos empatados em pontos com o Oeiras, por diferença de golos. Os componentes desta equipa, eram:

— António «Gigueiro», Dias Cruz e Noel (como guarda-redes), Moreira, Vladimiro Brandão, Lito Gomes de Almeida, Alexandre Godinho e Carlos Ledo — Foi na sequência deste trabalho que nasceu a internacionalização do Vladimiro, como júnior, sendo este e o Gomes de Almeida os únicos que vingaram como jogadores de hóquei, dentro dum certo nível.

Em 1954/55 fui viver para Lisboa, continuando o Francisco Caldeira incansável na escola de jogadores, donde saíram outras boas fornadas. Foi ele na verdade o homem que sempre lutou para que a Académica tivesse escola de patinagem e, antes de morrer, pediu ao Vladimiro para que continuasse. O Francisco Caldeira é, portanto, o grande obreiro de hóquei em patins em Espinho, o seu impulsionador, continuando o seu espírito presente na obra actual.

Em 1955 entrei para o Conselho Técnico da Federação Portuguesa de Hóquei em Patins, ao qual foi incumbido preparar e seleccionar uma equipa para entrar em Montreux, no Torneio das Nações e no campeonato do Mundo. Eramos quatro elementos, mas por questões económicas só eu me desloquei com a selecção, daí que poderá parecer que fui eu o seleccionador, quando éramos

uma equipa que compunha o conselho Técnico.

No ano seguinte fui para treinador do Sporting Clube de Portugal, na altura em que a secção é reorganizada. Depois, em Africa, treinei o Sporting de Luanda e fui seleccionador de Luanda. Note-se que estas idas e vindas devem-se a questões de ordem profissional.

Regresso a Espinho, à Académica, como treinador, de novo em colaboração com o Francisco Caldeira, voltando a sorte a acompanhar-me. Eu digo sempre aos jovens que treino que regra geral a sorte acompanha-me, valendo-me mais do que aquilo que possa saber. Apanho a equipa na II Divisão, conquistamos o título, e no ano seguinte ficamos em 2.º lugar na I Divisão, logo atrás do F. C. do Porto. No outro ano fomos campeões Regionais do Norte da I Divisão, na categoria de seniores.

A equipa que conquistou o título era formada pelos seguintes jogadores:

— Ranito e Américo (guarda-redes); Vladimiro Brandão, Fernando Coelho, Beto «Saltão», Raul Barros, Lito Gomes de Almeida e Marçal Duarte.

A sorte volta a estar comigo porque quando abandonei, a equipa passou por uma natural queda de forma, estando a ser comandada pelo Caldeira. Depois disso acabo novamente por ter sorte, pois mais tarde apanho uma equipa juvenil, onde alinhavam o Rui Lacerda e o Alcino Brandão, e, sem treinos ficamos em 2.º lugar em todos os torneios do Norte e participamos no Nacional. Volto ao Sporting de Luanda e fui seleccionador de Angola, em jogos com seleções de cá e com o Brasil, no período dum ano.

Em 1974 estava em Espinho, fiz a época quase toda como treinador, ganhamos todas as provas na II Divisão, com a excepção da final frente ao Paredo. Volto a Angola mas devido à situação política o desporto estava parado. Quando regresso a Espinho, vou de novo para a Académica, mas por inadaptação demito-me.

Ano passado encontrei um grupo
continua na página 6

FUTEBOL de A a Z

UNIDADE — «Consideremos, por exemplo, um time de futebol. Um time de futebol é formado por vários indivíduos, 11 pessoas. Cada pessoa com o seu trabalho concreto para fazer, quando o time joga. Pessoas diferentes umas das outras (...) mas do mesmo time de futebol. Se esse time, no momento em que está a jogar, não conseguir realizar a unidade de todos os seus elementos, não conseguirá ser um time de futebol. Cada um pode conservar a sua personalidade, as suas ideias, a sua religião, os seus problemas pessoais, um pouco da sua maneira de jogar mesmo, mas eles têm que obedecer todos a uma coisa (...) têm que formar uma unidade» — palavras de Amílcar Cabral, numa palestra dirigida aos quadros do seu partido (P. A. I. G. C.), em Novembro de 1969.

Desenho de João Martins
Texto de Carlos Pinhão



Sporting Clube de Espinho

Jantar de confraternização de sócios e simpatizantes do Clube

Comunica-se a todos os inscritos no jantar acima referenciado que o mesmo terá lugar no próximo dia 29 (sexta-feira) pelas 20,30 horas no Restaurante CABANA.

A Comissão

REPROVAÇÕES - Acaso ou Objectivo ?

Após consultas às pautas expostas em quase todos os estabelecimentos de ensino do País, em quase todas as disciplinas mas com especial incidência nos exames a nível nacional, as pessoas interrogam-se: «Como é possível?».

É evidente que esta pergunta sempre foi formulada, após os exames, em todos os anos. Acontece que neste ano de 1976-77 a percentagem de reprovação atingiu as raias do admissível.

E se, antes, as percentagens de reprovação eram normalmente explicadas por factores de sorte e de acaso, actualmente esse tipo de explicação já não é invocado. E toda a gente (estudantes, professores, encarregados de educação) hoje tenta procurar uma explicação mais coerente para esse facto.

Como explicar tão grande percentagem de reprovações ?

Durante o regime fascista con-

vinha a existência de analfabetos. Era grande a percentagem de

analfabetismo em Portugal (da ordem dos 80%) e isso não acontece por acaso. Um povo de anal-

continua na página 6

OS NÚMEROS

Aqui ficam alguns números (sobretudo os mais «elevados»...), onde se podem encontrar taxas de reprovações quase invariavelmente acima dos 50%, atingindo mesmo a cifra «notável» de 86%, no caso de uma disciplina !

ESCOLA TÉCNICA

a) CURSOS GERAIS

| | Alunos em exame | Reprovações | Orais | Dispensas |
|------------------|-----------------|-------------|-------|-----------|
| Português | 130 | 77 | 52 | 1 |
| Francês | 137 | 105 | 25 | 7 |
| Inglês | 149 | 87 | 53 | 9 |
| Física e Química | 73 | 49 | 18 | 6 |
| Matemática | 162 | 90 | 19 | 53 |

CURSOS COMPLEMENTARES

| | Alunos em exame | Reprovações | Orais | Dispensas |
|------------|-----------------|-------------|-------|-----------|
| Português | 90 | 46 | 43 | 1 |
| Inglês | 76 | 56 | 15 | 5 |
| Química | 22 | 16 | 0 | 6 |
| Matemática | 103 | 71 | 4 | 28 |

LICEU

CURSOS COMPLEMENTARES

| | Alunos em exame | Reprovações | Orais | Dispensas |
|------------|-----------------|-------------|-------|-----------|
| Português | 130 | 79 | 38 | 13 |
| Filosofia | 148 | 92 | 28 | 28 |
| Matemática | 147 | 106 | 11 | 30 |
| Geografia | 50 | 43 | 6 | 1 |

A COMISSÃO DE ANO

A Comissão de Ano do 2.º complementar (Liceu) pensa que os resultados dos exames são o reflexo inevitável de toda uma situação que chega a envolver importantes aspectos de fundo. Pensamos que os maus resultados de uma maneira geral obtidos pelos estudantes que prestaram provas, devem-se fundamentalmente, a duas questões: o aspecto selectivo das provas e o facto de ainda vigorar um sistema de ensino perfeitamente caduco em relação às transformações que se deram na sociedade portuguesa. O carácter selectivo dos pontos de exame, dado pela subjectividade das questões, sem grau de dificuldade e extensão, tem muito a ver, quanto a nós, com o problema da entrada dos estudantes nos cursos universitários. Pensamos ser mais uma medida tendente a consolidar no ensino superior a sua essência de classe

e a fechar àqueles que têm mais dificuldades económicas o direito ao ensino, consagrado na nossa Constituição.

Se alguns pontos foram relativamente fáceis, pois eles isolados nada representam.

Os exames em que se registou percentagem superior a 50% de reprovações acabam por afectar quase todos os estudantes, pois aparecem em disciplinas-chave, necessários para qualquer saída profissional ou curso superior.

Quanto a outras causas de fundo, temos o problema de colocação tardia de professores, a falta de qualidade do próprio conteúdo das matérias de muitas disciplinas, o aparecimento de programas mínimos só de nome praticamente nas vésperas dos exames, a falta de estruturas que permitam uma verdadeira reciclagem de professores, etc.

OS ALUNOS

«Considero os pontos de exame, de um modo geral, bastante difíceis e versando sobre uma parte muito estreita de matéria, o que os complica ainda mais. Achei, por exemplo, a prova de Matemática feita com uma linguagem muito «lógica» e pouco acessível. Penso também que o grau de dificuldade dos exames era consideravelmente aumentado pela sua extensão.

Tudo isto, quanto a mim, visa limitar aos estudantes o acesso ao ensino superior e se o Cardia estudas-

se agora, com certeza nunca chegaria a Ministro». (Arménio Neves)

«No que diz respeito ao meu caso, pois prestei provas a Latim e reprovei, não achei as perguntas muito complicadas mas a extensão do ponto tornava-o muito difícil.

Quanto às outras disciplinas, achei os pontos de uma maneira geral bastante difíceis, principalmente o de Filosofia da 1.ª chamada».

(Jorge Alves Dias)

OS PROFESSORES

«Atendendo sobretudo à cadeira que leccionei — Português — tentarei comentar algumas questões e até propósitos (?) superiores, responsáveis pela alta percentagem de reprovações ocorridas nos exames do ano lectivo 1976/77 (2.º ano complementar do Liceu):

a) deficiente preparação dos alunos, agravada pelas faltas do ano anterior;

b) colocação tardia de bastantes professores ou, como no meu caso, leccionar o Unificado no 1.º período lectivo (em Ovar) e, a partir de 9 de Dezembro de 1976, iniciar o ensino a 5 turmas do 2.º complementar, em Espinho...;

c) alguns professores tiveram cursos de reciclagem para cá da segunda parte do ano lectivo, quando isso deveria ter acontecido antes do início do ano;

d) no final do 2.º período lectivo, professores e alunos tomaram acontecimento do programa obrigatório para os exames finais, do qual não constavam muitos assuntos que tinham ocupado, a bem dizer, todo o 2.º período deste ano! Se isto não é provocação... pouco resta para se identificar como tal;

e) na generalidade, os alunos não comportam a vasta e onerosa bibliografia inerente ao programa do 2.º ano complementar. Os livros estão caríssimos; as antologias literárias e outros textos e obras de apoio não aparecem no mercado no momento oportuno;

f) a macrocefalia lisboeta voltou a investir, e de que modo! A macromania lisboeta corre perigo de rebotar! Os exames nacionais, as provas alfacinhas, iludiram o restante Portugal!

Não podemos considerar os pontos de exame verdadeiramente difíceis. Os maus resultados aparecem precisamente nos pontos com carácter mais subjectivo (Português e Filosofia), ou onde se exige um maior rigor lógico (Matemática). Ora, os alunos não estavam preparados para fazer um ponto deste tipo, e isto porque não estudam, pelo menos nos moldes em que o deviam fazer. Quanto a mim eles não estudam verdadeiramente porque não estão motivados. Na maioria dos casos nem sequer estudar sabem. Tudo isto se deve a uma série de causas de carácter mais profundo: tardia colocação de professores, o que provocou o facto de muitas disciplinas terem sido dadas a correr, regime de uma ou duas aulas por dia durante muito tempo para muitos alunos, e isto porque não tinham professores às outras disciplinas, o que é profundamente antipedagógico, a estruturação de determinadas disciplinas, como o Português, que deveriam voltar-se muito mais para o desenvolvimento do espírito crítico do aluno. A questão do espírito crítico e da capacidade de relação é das mais flagrantes. Acredito sinceramente que os resultados das provas seriam consideravelmente melhores, se o aluno soubesse relacionar e entender as perguntas e os textos dos pontos. Cabem, também aqui, muitas culpas aos professores que não orientaram as aulas neste sentido. Existem poucos professores profissionalizados, as reciclagens não estão actualizadas. As pessoas têm de compreender que, quem vem para o ensino, deve vir conscientemente e não porque não tem outro emprego.

Prof.ª Teresa Ortega



PORTE
PAGO

Ilidio Martins da Silva
R: 33 - Bº Moderno-Espinho